

Suplemento Cultural

N.º 14 revista paulista de medicina

Euclides da Cunha

Algumas palavras

Oswaldo Galotti
Presidente do Centro de Estudos
Euclides da Cunha — S. Paulo

Nada mais grato aos euclidianos de São Paulo, neste ano em que se comemora o octogésimo aniversário de "Os Sertões", do que essa oportunidade de aqui voltarmos para contato com a ilustre classe médica paulista, através do excelente *Suplemento Cultural da Revista Paulista de Medicina*, que é, sabidamente, uma das melhores no gênero, no país.

Ao Dr. Duílio Crispim Farina — dinamizador esclarecido do Departamento Cultural da APM e a quem a cultura paulista deve um movimento inusitado de alta sensibilidade e de inteligência na busca das verdadeiras raízes do pensamento e da atividade médica em nosso Estado — os euclidianos agradecem o ensejo da apresentação, aqui, de alguns comentários sobre a vida e a obra do grande escritor fluminense, na intenção de apresentar tais trabalhos à reflexão e à crítica dos caros escultápios.

Euclides da Cunha será sempre um encontro com o Brasil.

Sua meta é a da identidade nacional, da compreensão de nossas origens e nossos destinos, e a da autenticidade de nossa cultura.

Para ele, escrever representava um sério compromisso e uma grande responsabilidade para com a pátria.

Em outras oportunidades temos insistido a respeito da evolução dos estudos sobre o tema "Euclides da Cunha", isto é, sua vida e sua obra.

A diversidade das opções para a abordagem do assunto é a cabal demonstração da riqueza e do valor de seu conteúdo.

Quanto mais se estuda Euclides, mais se percebe a ampliação do continente euclidiano. É interessante salientar que



Major Dr. José de Miranda Cúrio,
chefe do Serviço Médico em Canudos

alguns euclidianos concordam em afirmar que não atingimos ainda, a um nível satisfatório, o conhecimento da obra e da vida do autor. Só aos poucos, com leitura meditativa e crítica, se conseguirá ver mais claro e vencer certas dificuldades que surgem no texto.

Todos sabemos que os escritores difíceis são, na verdade, complexos, densos e exigem especial atenção e dedicação dos leitores. Tradicionais experiências confirmam isso, e aí estão Dante, Camões, Milton e poucos mais.

Em Euclides, no nosso entender, a complexidade não é só devida ao cientificismo; nem ao preciosismo ou pedantismo; é genialidade.

Difícil definir a genialidade, mas é algo como a luz, sempre jovem.

Um dos aspectos que mais o enaltecem é o da vibração de sua linguagem. E essa vibração, que é emoção pura no ato de criar, essencialmente artística, é derivada ou estimulada do caráter, da ética, do escritor.

Quando ele vibra descrevendo a estrutura geológica da região de Canudos, ou compondo uma teoria sobre as secas, ou ainda procurando intuir o personagem Antonio Conselheiro como resultante histórico e antro-po-ecológico de nossos sertões, ele não está fazendo ciência, essa ciência de mestrado ou de doutorado. É mais o resultado de uma observação pura, desinteressada, independente, a procurar a essência das coisas num contexto que se refere à ação dramática do tempo. O tempo, a duração, a continuidade são o filtro através do qual se desenvolve o seu espanto. E essa posição, quando autêntica ou é poética ou é mística. Nunca científica.

Embora todos aceitemos que conhecer objetivamente, cientificamente, é uma das maneiras positivas de se conhecer, nunca é demais um certo cuidado com o preconceito científico...

Francis Bacon, citado por Karl Popper, "preocupava-se com o fato de que as nossas teorias podem viciar nossas observações".

Precisamos ter em mente que antes das coisas serem conhecidas elas já existiam. Há algumas maneiras de atingi-las, como, por exemplo, pelo simples sensorio, ou pela intuição ou pelas teorias, isto é, pela ciência.

Euclides usou a ciência como importante recurso, jogando com seu método e seu sistema de signos para auxiliá-lo na linguagem, para que seu intuitivismo se objetivasse, captando ou fixando uma realidade-dentro.

José Veríssimo, um dos maiores críticos da época de Euclides, não o compreendeu quando procurou subestimar o valor dos termos técnicos em "Os Sertões". Euclides defendeu-se. É um recurso para conseguir exprimir-se totalmente. Se ele fosse músico procuraria transmitir suas impressões do mundo de outra maneira. Válida, lógico, tanto quanto a que ele usou. Portinari ou Vila Lobos o fizeram, a seu modo.

* * *

Os trabalhos que vamos apresentar a seguir (14) se referem a aspectos literários (6), aspectos científicos (5) e aspectos biográficos (3). Alguns deles são polêmicos, levantando questões que

cabem controvérsia ou discussão. A apresentação será pela ordem alfabética dos autores.

De início temos o sociólogo que classifica Euclides como "prosador-cientista social" e acha que essa área não está devidamente estudada; vêm, depois, as palavras sobre a poesia euclidiana, que fala à nossa "consciência e sensibilidade"; seguindo-se a opinião de que os protagonistas/personagens constituem um recurso literário, econômico, para o autor expor sua tese sobre o genocídio de Canudos; sucedendo-se um resumo de duas ou três páginas sobre a guerra de Canudos; e apresenta-se o professor de literatura para expor o critério para se separar o que há de artístico e o que há de científico no grande livro; vindo, então, a exposição de que o *homem de pensamento* (Euclides e muitos outros) tem mais significação do que o *homem intelectual*, pelas suas preocupações com a problemática brasileira; e o geógrafo mostra alguns aspectos de *geografia médica* em "Os Sertões"; reclamando-se, depois, contra o célebre escritor peruano que escreve um livro todo baseado em "Os Sertões" sem dizê-lo, numa introdução ou prefácio; e entra o tema freqüente entre os eu-

clidianos: em que gênero literário se deve classificar "Os Sertões"?; e há a apresentação, em seguida, de considerações sobre um paradoxo em Euclides, que é o racionalismo e o mágico convivendo em sua linguagem; e, depois, se levanta a dúvida sobre como explicar a permanência de um grande livro, como "Os Sertões", que, por alguns fatos, jamais alcançou popularidade; em seguida ficamos sabendo o relacionamento de Euclides com o jornal "O Estado de São Paulo" (antes "A Província de São Paulo") desde os artigos da mocidade até seus últimos anos; e o autor é mostrado no seu importante desempenho no estabelecimento das fronteiras do Brasil com o Peru; encerrando-se com alguns comentários sobre o laudo de autópsia de Euclides da Cunha, de 16 de agosto de 1909.

Os autores são estudiosos de Euclides, residentes em cidades diferentes de nosso Estado. São responsáveis pelo "Ciclo de Estudos Euclidianos", que, anualmente, se realiza em São José do Rio Pardo, na *Semana Euclidiana* (9 a 15 de agosto), em que comparecem alunos do 2.º ciclo vindos de vários colégios do Estado de São Paulo.

Euclides da Cunha e as ciências do homem

Adelino Brandão
(Centro de Estudos Euclides da Cunha)
Jundiaí, SP

representa para a cultura italiana, Shakespeare para a inglesa, Cervantes para a hispânica, e Camões para Portugal. Como disse Tristão de Ataíde: "Há obras tão grandes que não cabem dentro de um curso de letras ou história ou sociologia." ... A obra de Euclides está neste caso, o suficiente para justificar um curso específico junto às faculdades e universidades, onde as horas-aulas para o estudo dos capítulos da obra euclidiana que merecem análise por seus aspectos científicos não seriam em menor quantidade do que as destinadas à apreciação de *Os Sertões* ou de *A Margem da História*, do ponto de vista exclusivamente estético-formal.

No entanto, não é, em regra, o que tem ocorrido: pouco, muito pouco, se focaliza o conteúdo científico das páginas euclidianas, sobre as quais passamos como gato em brasas, com a desculpa de que, "o livro está superado", do ponto de vista do pensamento científico do

século 20. Mas não se explica nem se diz em quê e porquê — Euclides estaria superado como antropologista, etnógrafo, historiador ou sociólogo...

Com isso, perdemos uma excelente oportunidade de avaliar com pormenores a evolução do pensamento científico no Brasil, no período que vai da proclamação da República ao começo do século, período que teve em Euclides a sua cerebração mais potente. Em 1966, por exemplo, por ocasião da exposição comemorativa do centenário do escritor, realizada no saguão da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, numa iniciativa feliz do intelectual e romancista Adonias Filho, dos 150 títulos ali expostos, não chegavam a 30 os trabalhos que se referiam à obra do estilista de *Contrastes e Confrontos* de ângulo exclusivamente científico. Em sua maior parte, os trabalhos se referiam a Euclides, o poeta, o romancista, o jornalista, o repórter, o engenheiro, o militar, etc.; ou então, expunham-se críticas sobre a linguagem, o estilo, o vocabulário, a filosofia estética do escritor. O resto se concentrava na biografia, nos dramas pessoais, nas tragédias domésticas do correspondente d'*O Estado de S. Paulo*... A Tragédia da Piedade, ... a Ponte de São José do Rio Pardo ... as lutas por editar-se...

E, no entanto, já dizia Afrânio Peixoto, em conferência pronunciada em 1943: "Euclides é o primeiro, em data, dos nossos sociólogos"... "o primeiro, o sugestionador, o pioneiro, o que abriu a picada pela mataria por onde os outros penetraram." (1)

Como história e como história militar, como teve oportunidade de dizer o general Umberto Peregrino, a obra de Euclides acha-se bem caracterizada. Lá estão, n' *Os Sertões*, "copiosos e nítidos, todos os elementos que os especialistas costumam esgrimir no estudo ras campanhas, para chegar à chamada "crítica militar", que consideram tão importan-

te, a ponto de confundi-la, freqüentemente, com a própria história..." (2).

Por sua vez, já assinalara Sílvio Romero que o primeiro livro de Euclides "era um sério estudo social de nosso povo, firmado, até certo ponto, na observação direta". (3)

Como geógrafo, Euclides ficou bem caracterizado pelo método, descrição, observação, documentação e explicação do binômio Homem-Terra, dos fenômenos que analisou. José Veríssimo da Costa Pereira e Moisés Gicovate não têm dúvida: Euclides foi também "um geógrafo nato". (4)

Sem ter sido escrita para especialistas, a obra de Euclides "obedeceu, em seu traçado geral, as linhas metodológicas corretas", do ponto de vista da Geografia Humana. Antecipando-se a Vidal de la Blache e seu conceito de *gêneros de vida*, ao estudar o homem do sertão, o nosso cientista social "portou-se como faria um geógrafo moderno, um Jean Brunhes, por exemplo". (5)

E para aquilatar da importância de *Os Sertões* pelo ângulo da Antropologia Cultural (Etnologia), basta ver o que dele escreveu o professor Fernando Azevedo em suas respeitáveis obras, *As Ciências no Brasil* e *A Cultura Brasileira*. Dessa forma, o pensamento de Euclides, tanto quanto suas contribuições, à ciência, no Brasil, como sociólogo, geógrafo, antropologista, ou historiador, surgem na sua obra polifacetada, com a mesma riqueza com que se revela "como cronista, como pensador, como epistológrafo e até poeta bissexto"... (6)

Embora a síntese final obtida em *Os Sertões* resulte, como observa Franklin de Oliveira, "da adoção de recursos tipicamente literários", não podemos dissociar nele o prosador e o cientista social. Esta é que nos parece a verdade, desde que o livro continua sendo "a mais alta interpretação do Brasil feita em termos de arte". (7)

Noutras palavras, isto significa dizer que a par de uma vitória da literatura, o livro de Euclides se constitui também numa vitória do estudo, da erudição, do método, da pesquisa objetiva, da experiência concreta, tanto quanto da intuição e interpretação teórica correta do autor. Uma faceta da obra euclidiana ainda a exigir discussões.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AFRÂNIO PEIXOTO — "O Outro Euclides: o que sobra de *Os Sertões*" (conferência), in *Letras Brasileiras*, n.º 6, Outubro de 1943, p. 3. Editora "A Noite"; *Poeira da Estrada*, 1944, Cia. Edit. Nacional, S. Paulo, 3.ª ed., p. 80.
2. UMBERTO PEREGRINO — *Euclides da Cunha e outros Estudos*, 1968, Gráfica Edit. Record, Rio de Janeiro, p. 38.
3. SÍLVIO ROMERO — *História da Literatura Brasileira*, 1954, Edit. José Olympio, Rio de Janeiro, tomo 5.º, p. 1.957.
4. EUCLIDES DA CUNHA — *Obra Completa*: "O Espírito Geográfico na Obra de Euclides da Cunha", 1966, Edit. José Aguilar, Rio de Janeiro, 2.º v., p. 63.
5. JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA, obra e ed. cit. p. 67.
6. TRISTÃO DE ATAÍDE (Alceu Amoroso Lima) — "Uma Edição Marco", in *Folha de S. Paulo*, S. Paulo, 13-11-1966.
7. FRANKLIN DE OLIVEIRA — "O Universo Verbal de "Os Sertões", in *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de S. Paulo*, S. Paulo, 22-1-66.

Poesia euclidiana

Amélia Franzolin Trevisan
S. Paulo, SP

"Então, sobre a natureza morta,
apenas se alteiam os cereus esguios
[e silentes,
aprumando os caules circulares
repartidos em colunas poliédricas e
[uniformes

na simetria impecável
de enormes candelabros.
E avultando ao descer das tardes
[breves
sobre aqueles ermos, quando os
[abotoam

grandes frutos vermelhos destacando-
[se
nítidos, à meia-luz dos crepúsculos,
eles dão a ilusão emocionante de
[círios enormes,
fincados a esmo no solo,
espalhados pelas chapadas, e
[acesos ...

Nas manhãs sertanejas

Animam-se os ares numa palpação
de asas, céleres, ruflando. Sulcam-
[nos
as notas de clarins estranhos.
Num tumultuar de desencontrados
[vãos
passam, em bandos, as pombas bra-
[vas
que remigram, e rolam as turbas
turbulentas das maritacas estriden-
[tes ...

Assim se vão os dias.

Passam-se um, dois, seis meses ven-
[turosos,
derivados da exuberância da terra,
até que surdamente, imperceptível-
[mente,
num ritmo maldito, se despeguem,
a pouco e pouco, e caíam, as folhas
[e as flores,

e a seca se desenhe outra vez
nas ramagens mortas das árvores de-
[cíduas ...
Mas no empardecer de uma tarde
[qualquer,
de março, rápidas tardes sem cre-
[púsculos,
prestes afogadas na noite,
as estrelas pela primeira vez
scintilam vivamente."

Também em "Antes dos versos", Eu-
clides nos dá seu sentir poético ao ver

"improvisamente, resplandecer no ra-
[dium
a alma misteriosa da matéria ..."

e quando a locomotiva parte

"reacendendo no carvão-de-pedra da
[fornalha,
raios de sol extintos há milênios,
o que mais nos encanta,
é a imagem fulgurante da Força
renascendo e restaurando,
ao mesmo passo os esplendores
de tantas auroras apagadas ..."

Substituindo a lira do poeta

"pelo sextante que nos transmite
a harmonia silenciosa das esferas,

possamos traduzir o Universo
sem falsificá-lo, embora o envolva-
[mos

nos véus simbólicos
da mais ardente fantasia."

A obra de arte, especialmente a lite-
rária, é a individualização da força es-
piritual e criadora que emana do seio
das multidões, e para ela deve refluir
em forma de mensagem.

Idealismo, amor e fé, trilogia cuja
ausência em nossos corações tem suas
raízes na insensibilidade e na falta de
poesia, tão necessárias à trepidante vi-
da moderna que nos afasta sempre mais
da natureza; porém não uma poesia abstrata,
mas uma poesia-realidade, informa-
tiva e formativa. Um antídoto à vio-
lência.

Ao poeta, que escuta e liberta o can-
to de vida prisioneiro do povo, cabe
restabelecer a harmonia perdida.

Fontes:

CUNHA, Euclides da — *Os Sertões, in
Obra Completa*, v. II, Aguilar, 1966.

CUNHA, Euclides da — "Antes dos
versos" (Prefácio a *Poemas e Can-
ções* de Vicente de Carvalho), op.
cit, v. I.

ou observados com suas mais profundas
vivências".

Restaria medir até onde Euclides da
Cunha ficcionou o episódio de Canudos.
Em *Os Sertões* houve uma criação da
Guerra de Canudos e não uma nova
história daquela luta: um método de
tese e de estrutura. O método deter-
minista permitiu a preparação do tea-
tro da luta pelo mais profundo e belo
embasamento científico. A tese do ge-
nocídio levantou todo um Brasil pen-
sante e mostrou ao mundo a injustiça
do pretenso forte contra o pretenso fra-
co. A estrutura da obra inaugurou o
ensaio sob tensão, surpreendendo as
teorizações, enformando o discurso com
uma emoção de verdade irrecusável, que
hoje ainda enciúma críticos impotentes
e gera imitadores falhos.

Difícil afirmar que o autor ficcionou
a história: foi-lhe fiel, enformando-a
de belo e original discurso. Quanto aos
personagens da Guerra, contudo, fica
bem aceitável a "ficção" na escolha dos
elementos de cada um dos protagonis-
tas, conduzindo os que lhe interessam
nos caminhos da tese do genocídio.

Nessa "criação" de protagonistas/per-
sonagens falta acrescentar à arte eucli-
diana o fato de que todos os seres de
Os Sertões mantêm a característica de
personagem plana. Diz Forster: "O tes-
te para uma personagem redonda está
nela ser capaz de surpreender de modo
convince. Se ela nunca surpreende,
é plana. Se não convence, é plana pre-
tendendo ser redonda".

Os protagonistas/personagens de *Os
Sertões* nunca nos surpreendem, mas
sempre nos convencem. Não nos sur-
preendem porque não é através deles
que seu autor criou o monolítico de sua
tese de genocídio — foi através dos
fatos sociais, hidrográficos, lógicos, étni-
cos, pluviométricos, históricos e tantas
outras das ciências; e para os quais uti-
liza a literatura e os protagonistas da
história. A construção ensaística do
Conselheiro, de Moreira Cesar, de Pa-
jeú, de Bittencourt é monolítica, con-
centrada e sempre direcionada para de-
las o leitor sacar elementos da tese do
livro — a tese de que os sertanejos
foram destruídos fisicamente e como
símbolo do heroísmo por uma socieda-

de litorânea, o genocídio como tese en-
corpa *Os Sertões*.

* * *

As obras literárias necessitam e se
prevelem dos seres que, obrigatoria-
mente, as habitam.

Versam sobre seres não racionais; ou
outros seres, como os minerais anima-
dos pelos autores; e, ainda, detêm-se
sobre o homem. Tais obras apresentam
os seres, sempre, em essência, com
sentimentos. Ao fim, todo o universo
de seres habitantes das obras literárias
é gente. Tal universo de gente pode vir
de duas origens: 1.^a) o autor escreveu
uma obra de ficção (romance, conto,
etc.) e "criou" os habitantes de seu
trabalho; 2.^a) o autor, por escrever uma
biografia, ou por ser historiador, ou
ensaista das ciências sociais, psicológi-
cas, etc., baseou-se em gente real.

Assim, independentemente de serem
personagens (seres de ficção) ou pro-
tagonistas (seres da realidade), os se-
res das obras literárias retratam a cos-
movisão do autor.

IV

"Os Sertões": protagonistas/personagens

O fulcro de *Os Sertões* é Canudos,
em todas as suas análises possíveis. O
autor teve que sistematizar todos os
elementos de que se utilizaria para es-
truturar a obra. São exemplos do ma-
terial farto de que ele precisou o seu
Diário de Uma Expedição e o seu *Ca-
dernet de Campo*. Além do enorme
material pesquisado em tantas biblio-
tecas e emprestado de tantos amigos.

Na escolha das pessoas de *Os Sertões*
o autor teria que eleger critérios para
uma seleção que contribuísse, também,
para a economia de espaço; daí o tra-
tamento sintético dos protagonistas. Ou-
tra característica coercitiva no tratamen-
to das pessoas da obra está no gênero
eleito pelo autor: a obra é um ensaio
com base na história. A escolha das
partes biográficas dos protagonistas é
um exemplo de propriedade de econo-
mia discursiva visando ao fim a tese do
genocídio.

Ao escrever *Os Sertões*, Euclides da
Cunha já citava o desenlace da vida do
Ministro, General Bittencourt, qualifi-
cando-o de destemeroso "capaz de se
abalancar aos maiores riscos". Não dei-

xa, porém, de lhe destacar as falhas
humanas.

De sorte que, de toda uma vida vi-
vida em 57 anos e tendo sido coroada
com a função de Ministro da Guerra,
passada desde o Rio Grande do Sul, pe-
la capital do Império e da República,
até o sertão baiano — Euclides da
Cunha prende-se às características psi-
cológicas que afunilam todo o potencial
humano da personagem para o fato que
interessa ao autor: a campanha de Ca-
nudos e a influência decisiva que a per-
sonagem teve nessa campanha. É óbvio
que Euclides da Cunha, na sede de ju-
stificar o sertanejo, de denunciar o ge-
nocídio, subtrai de Bittencourt o mérito na
solução do conflito, pintando-o como
pessoa amorfa. É como se Bittencourt,
sendo sem méritos como teria sido, fos-
se uma coincidência, um sopro determi-
nístico para levar a guerra até ao final,
com a destruição de Canudos, dos ser-
tanejos e de tudo o que a campanha
representou para a Justiça.

Assim, o autor seleciona, escolhe seu
material para colocar as pessoas na
obra na direção que lhe interessa.

Célio Pinheiro
Araçatuba, SP

SOBRE SERES: PROTAGONISTAS/ PERSONAGENS

Diante desta interferência do autor
na vida dos protagonistas da Guerra de
Canudos, é importante realçar que ele
"não criou" as pessoas de suas obras,
ele ensaiou literariamente sobre elas.
Eram vivas no seu tempo, ou foram vi-
vas, existiram antes do autor: ele as
explicou de uma forma bela para nós,
leitores. Infere-se, pois, que o que nos
interessa nas personagens euclidianas é
o tratamento que lhes deu a partir de
uma biografia mais ou menos aprofun-
dada, conforme as necessidades de seu
texto.

Citando Peter Westland, Massaud
Moisés afirma que "por mais imagina-
tivo que possa ser, um escritor forma
suas personagens partindo da vida e lar-
gamente de si próprio" e acrescenta:
"Com efeito, em certa medida, "sem-
pre" o ficcionista tira suas personagens
de dentro de si, pois mesmo quando
emprega a observação ou a memória,
ele transforma tudo em matéria pró-
pria, identificando os dados lembrados

1 — Euclides da Cunha faz uma
análise profunda e interessante, além de
uma crítica contundente, de vários as-
pectos guerreiros da famosa campanha
de Canudos.

Fá-las no seu livro fundamental, ago-
ra completando oitenta anos de indiscu-
tível e merecidíssima consagração públi-
ca — "Os Sertões".

Narra que a primeira expedição con-
tra Canudos foi constituída de mingua-
dos 104 praças, com três oficiais e um
médico, sob o comando do tenente Pi-
res Ferreira.

Após caminhada penosíssima, inteira-
mente exausta, chega a tropa a Uauá,
a vinte de novembro de 1896.

Na madrugada de vinte e um de no-
vembro de 1896, "despertou-os o adver-
sário, que imaginavam ir surpreender".
Eram cerca de três mil homens que agi-
tavam a bandeira do Divino, portavam
uma grande cruz de madeira, davam
vivas ao "Bom Jesus" e ao "nosso Con-
selheiro", cantavam hinos sacros e ora-
vam, enquanto se dirigiam para o com-
bate, plenamente escudados na fé.

O resultado para os jagunços foi de-
sastroso. Nada menos de cento e cin-
quenta sertanejos mortos, contra dez
soldados mortos e dezesseis feridos, en-
louquecendo o médico.

2 — Pelo Brasil em fora ressoou o
revés de Uauá. Uma segunda expedi-
ção, composta de 543 praças, 14 ofi-
ciais e três médicos, com dois canhões
Krup 7½ e duas metralhadoras Norden-
feld, comandada por Febrônio de Bri-
to, foi a reação.

De fato, já no dia 18 de janeiro de
1897, no Cambaio, travava-se uma luta
feroz, desigual. "Toda a expedição caiu,
de ponta a ponta, debaixo das trinchei-
ras do Cambaio."

E registrou-se a correria desordena-
da, soldados galgando penhascos, ca-
nhões atirando abundantemente à quei-
ma-roupa os jagunços, mares alivian-
do-se de suas cargas e fugindo em de-
sabalada carreira... Entre todos os ja-
gunços avultava, sobranceiro, a figura
de jagunço negro, corpulento e ágil —
João Grande — num vai e vem de
avançadas e recuos, imitado por com-
panheiros amotinados.

Recuam, então, os sertanejos, enquan-
to os soldados, agora espalhados por
todos os recantos, varrem-lhes as últi-
mas trincheiras.

Vencida estava a batalha, não a guer-
ra.

A última investida dos jagunços acon-
teceu em Bendegó de Baixo contra a
artilharia que desejam tomar a todo o
custo. O local, contudo, favoreceu a tro-

Dálvaro da Silva
Campinas, SP

V

pa e os sertanejos a deixaram, finalmen-
te, livre. Como resultado, tivemos oito
soldados mortos e cinquenta e tantos
feridos, contra 485 jagunços mortos.

3 — O desastre, mais uma vez, do
exército em Canudos coincidia com um
período difícil para o país, a braços com
sedições e revoltas, em que avultava a
fama do Coronel de Infantaria Antônio
Moreira Cesar, que parecia ter herdado
a tenacidade de Floriano Peixoto, o
Marechal de Ferro, grande debelador de
revoltas.

Vindo das lutas no Sul, coberto de
glória, ninguém melhor do que ele para
a expedição vingadora tão almejada.

Comandando 1.300 homens fartamen-
te municiados com 15 milhões de car-
tuchos e 70 tiros de artilharia, tendo
em mente o plano dominante de lançar
a marche-marche todos os combatentes,
baionetas em punho, dentro do arraial,
partiu o afoito militar, cuja vitória era
certíssima.

Os jagunços sentiam calafrios, em
pensar na chegada do "Anti Cristo", do
"Corta Cabeças". Muitos mesmo deser-
taram.

No seu entusiasmo pela luta, escuda-
dos pela grande confiança no chefe fa-
moso, temiam os soldados um único
contratempo: "o toparem vazio o ar-
raial sedicioso".

No lugar do necessário descanso no Angico, dentro do seu arrojo incontestado, teve o chefe este ímpeto: “— *Vamos almoçar em Canudos*”, que se acha muito perto.

Canudos era “cidade-mundéu” que as tropas do Cel. Moreira Cesar faziam desabar sobre si mesmos. Ordena o Comandante, nesse transe, uma carga de cavalaria... O resultado foi um fracasso completo. Os cavalos, assustados, sem condições de disparada, cuspiam seus hóspedes, refugavam e recuavam.

Entrando em combate, recebeu o Comandante desvairado uma bala que o levou à morte na madrugada seguinte. O novo Comandante — Cel. Tamarindo — não tinha condições de levar avante a tarefa jamais por ele aspirada. Única saída era a retirada imediata... Na retirada, foi morto também o Cel. Tamarindo.

Os soldados alijaram de si tudo, evitavam os caminhos, espavoridos com tudo aquilo, que só se explicaria como um milagre, amparando os jagunços a potência superior da divindade!

4 — A quarta e última expedição foi “cópia ampliada de erros anteriores, com uma variante única: em lugar de uma eram duas as massas compactas de soldados que iriam tombar, todos a um tempo, englobadamente, nas armadilhas da guerra sertaneja”.

Ademais, foram escolhidas duas estradas, devendo o Comandante, General Artur Oscar, tomar a do Rosário, enquanto o General Savaget, passando por Aracaju, rumaria pela de Jeremoabo. Uma terceira coluna, partida de Juazeiro ou Vila Nova, convergindo também para Canudos, originaria um bloqueio efetivo e fatal para os jagunços.

“Persistia a obsessão de uma campanha clássica”. A salvação da quarta expedição foi a atitude de Savaget, quando deu maior liberdade aos seus combatentes, que se organizaram em grupos menores para enfrentar o inimigo...

Outro fator muito importante, ainda, da vitória, consistiu no fato de o próprio Ministro da Guerra, impressionado com o caso do sertão baiano, ter para lá se deslocado e transformado um conflito enorme em campanha regular, mantendo a subsistência do exército através de comboios puxados a burros, com a máxima regularidade.

Com reforços recentes, montavam os soldados a 5 mil homens, frente aos quais, em cinco de outubro de 1897, morriam os últimos quatro defensores de Canudos, apesar de tantos e tantos erros cometidos pelos nossos chefes militares.

A concepção intuitiva (impressionismo) e a concepção racional (expressionismo) de Euclides da Cunha presentes em “Os Sertões”

Everton de Paula
Franca, SP

VI

Interessa-nos, a princípio, o significado em Filosofia da palavra *intuição*, significado este que tem muito a ver com a Literatura: “Contemplação pela qual se atinge em toda a sua plenitude uma verdade de ordem diversa daquelas que se atingem por meio da razão ou do conhecimento discursivo ou analítico.”

Com efeito, a concepção intuitiva é o modo que cada um de nós tem de ver a realidade externa, ao passo que a concepção racional e universal é o modo como a inteligência humana, trabalhando segundo regras específicas, interpreta uma determinada realidade. Dessa forma, o conhecimento intuitivo de uma coisa é plenamente diferente do conhecimento racional da mesma coisa.

Examinemos os seguintes trechos que se seguem, todos eles referentes a uma concepção de uma ave, a pomba:

1. “Ao romper da manhã deixam os [inhos como um colar de pérolas quebrado.” (Gaspar de Lemos).
2. Quando esponta a manhã, fogem [espertas, e então, como um colar despedaçado, derramam-se no azul...” (Vicente de Carvalho).

3. “Voou aos altos céus a pomba ena- [morada... Mas hoje, as pombas de ouro...” (A. Pimentel).

4. “Ave columbiforme, da família [dos columbídeos, de vôo possante, bico coberto de cera na [base, e granívoras.” (Aurélio Buarque de Hollanda Ferreira).

Nos trechos de 1 a 3 os poetas enviam-nos uma imagem, toda sua, de uma ave; é uma ave que, aos olhos do artista, parece um colar de pérolas despedaçado, solto ao ar, em contraste com o azul do céu. A imagem vai além: a pequena ave passa a ter sentimentos, chegando a ser uma ave enamorada.

É desse modo que em nossa mente se desenha uma pomba?

Naturalmente que não. Cada um de nós, ante esse fato, compreende-o de um modo diverso. Portanto, se aqueles trechos (de 1 a 3) apresentam uma visão pessoal da realidade, esta é uma forma do conhecimento intuitivo e individual; são trechos de arte literária e não de ciência.

Já o trecho n.º 4 não é um modo pessoal de compreender a realidade, porque todos nós temos esse conceito de “pomba”, embora possivelmente com outras palavras. E também não é uma imagem de um fato na sua individuali-

dade, porque esse conceito de “pomba” não contém em si uma determinada pomba, mas toda e qualquer pomba. Assim, esse trecho apresenta uma expressão do conhecimento racional e universal: é um trecho de ciência e não de arte literária.

Passemos às páginas de *Os Sertões*.

O que Euclides estava denunciando (os crimes, as loucuras, os erros que se verificaram na campanha de Canudos) não era fruto da sua imaginação, algo que pudesse ser refutado.

A partir do enfoque sociológico, por exemplo, dado pelo escritor fluminense à realidade de Canudos e sua gente, encabeçada por Antonio Conselheiro, não havia como contornar o assunto ou fugir dele. Estávamos diante de uma realidade cruel, bárbara, assassina, mas viva, presente!

O espírito forte e tempestuoso de Euclides da Cunha não poderia se conter aos limites comuns de um simples relato dos acontecimentos para, a partir daí, apontar os erros e os crimes.

Para chegar à criação plena de *Os Sertões*, o autor valeu-se de seus conhecimentos, de suas infundáveis leituras e pesquisas, do amparo intelectual e estímulo de pessoas como Francisco de Escobar, da quietude tão necessária ao momento de criação que só encontrou na inspiradora (até hoje!) cidade

paulista de São José do Rio Pardo, agora berço definitivo dos restos mortais desse escritor.

Euclides valeu-se ainda mais da força de sua expressão.

E fez a obra.

E criou-a de uma forma íngreme, com todo o tecnicismo que lhe exigiam as conceituações sobre a terra sertaneja (botânica, geografia, zoologia...), sobre a guerra (estratégia militar...), sobre o homem (antropologia, sociologia...), conceituações que andavam consoante os momentos descritivos, narrativos e dissertativos.

Sob este aspecto, era preciso levar o leitor a uma compreensão racional de alguns fatos. Daí, Euclides fornecer informações que representam uma expressão da sua concepção racional de uma determinada realidade.

Notem os exemplos de concepção racional euclidianas:

“O planalto central do Brasil desce, nos litorais do Sul, em escarpas in-teiriças, altas e abruptas.” (Pág. 33).

“De um lado a extrema secura dos ares, no estio, facilitando pela irradiação noturna a perda instantânea do calor absorvido pelas rochas expostas às soalheiras, impõem-lhes a alternativa de alturas e quedas termométricas repentinas.” (Pág. 40).

“Hegel delineou três categorias geográficas como elementos fundamentais colaborando com outros no reagir sobre o homem, criando diferenças étnicas: as estepes de vegetação tolhiça, ou vastas planícies áridas; os vales férteis, profusamente irrigados; os litorais e as ilhas.” (Pág. 59).

Observem agora outros exemplos que expressam a concepção intuitiva de Euclides da Cunha:

“O sertanejo... é desgracioso, desengonçado, torto. Hércules-Quasímodo, reflete no aspecto a fealdade típica dos fracos.” (Pág. 99).

“O umbuzeiro... é a árvore sagrada do sertão. Sócia fiel das rápidas horas felizes e longos dias amargos dos vaqueiros.” (Pág. 57).

“O umbu é para o infeliz matuto... o mesmo que a ‘mauritia’ para os garaúnos dos ‘lanos’. Alimenta-lhe e mitiga-lhe a sede. Abre-lhe o seio acariciador e amigo.” (Pág. 57).

Observado esse comportamento de Euclides, verifica-se que a sua concepção intuitiva e individual em *Os Sertões* abrange o campo da arte, ao passo que sua concepção racional e universal insere-se no da Ciência.

Permanência de Euclides da Cunha

Genésio Pereira Filho
São Paulo, SP

VII

Neste ano em que se comemora o 80.º aniversário da publicação de “Os Sertões”, somos conduzidos a algumas reflexões sobre seu autor, Euclides da Cunha.

A história da cultura brasileira registra a presença de algumas figuras excepcionais, que marcam com segurança uma unidade de pensamento e a certeza de um grande destino. Interessante notar que referidos intelectuais (destaque-se que afirmo “intelectuais” e não simplesmente “literatos”), por causa mesmo da pujança de suas obras e de seu pensamento, não podem ser enquadrados no espantalho de uma escola ou de uma tendência; suas qualidades atribuem-lhes posição singular, mais abrangente, mais vasta. Tais os casos de José Bonifácio de Andrada e Silva, Tobias Barreto, Alfredo Eschnolle Taunay, Jackson de Figueiredo, Monteiro Lobato, Plínio Salgado, Rui Barbosa, Afonso Arinos, Eduardo Prado e outros. Há, ainda, toda uma gama de homens de pensamento, entre os quais se incluem alguns dos anteriores e mais outros de um longo rol, que revelam profunda preocupação com a problemática brasileira, com destaque para o estudo da terra e do homem. Euclides da Cunha, que também escapa às tentativas de enquadramento em qualquer escola, pertence a essa categoria.

Já destaquei certa vez que, atrás da figura de caboclo songamonga de Euclides da Cunha esconde-se uma alma agigantada de sábio, de perscrutador acurado, de explorador minucioso, de

cientista de alta sensibilidade. Dentro de seu aparentemente exagerado determinismo fisiológico, — afirmei — dentro da exaltada importância que parece atribuir aos processos biológicos, e ainda dentro da relevância atribuída aos aspectos étnicos, — dentro de tudo isso, revela profunda crença nos destinos humanos, na capacidade realizadora do ser humano.

E por acreditar nessa capacidade humana, em sua obra o fatalismo racial não constitui dado absoluto.

Na tranquilidade de uma cidade provinciana, São José do Rio Pardo, pôde Euclides, na leitura demorada de naturalistas e viajantes, de sociólogos e filósofos, de pesquisadores e de homens de ciência, ir amadurecendo na elaboração de sua obra fundamental que é resultante, ainda, do responsável jornalismo. Estudioso dos grandes mestres da língua portuguesa, ledor incansável, bebeu nas grandes fontes, inclusive Vieira, Herculano e Camilo.

Dono de poderosa intuição, penetrava no âmago das questões, buscando-lhes as causas e procurando soluções. Era, enfim, inquieto e insatisfeito. Por isso, das análises queria chegar às sínteses. Não foi mero observador de fenômenos, nem simples pesquisador, nem empirista classificador; não entendia isolado cada campo da ciência, mas vislumbrava a grande Unidade da Natureza.

Daí o grande e inequívoco inter-relacionamento do Homem com a Terra.

A estrutura arquitetural de “Os Sertões” (A Terra — O Homem — A Luta) indica a profunda aceitação de Euclides desses princípios e o conhecimento que certamente tinha das lições de Ratzel, Bodin, Ritter, Buckle e outros que trataram da influência imperativa da geografia na alma humana.

“Foi o primeiro a denunciar a intervenção da geografia na história”, como afirmou Plínio Salgado em 1953.

Assim, embora cercado da influência do pensamento analista e utilitarista do Século XIX, Euclides da Cunha foi um rebelde e, caminhando à frente de seus coetâneos, coloca-se como autêntico homem do século XX.

Dando as costas ao idealismo quase ficção que dominou nossas letras durante certo período, e ao formalismo e verbalismo de grande número de intelectuais, o autor de “À Margem da História” foi pesquisador realista. Viajante permanente, não era homem urbano: conheceu, como poucos, a terra e a gente brasileiras. De seus estudos e de sua capacidade nasceu uma sociologia brasileira. Válida até hoje.

De Oliveira Viana, sobre a História, são estas palavras: “Duas coisas, realmente, não aparecem nas obras dos nossos velhos historiadores, senão furtivamente e a medo, duas coisas sem as quais a história se torna defectiva e parcial. A primeira é o povo, a massa humana sobre que atuam os criadores aparentes da história... A segunda é o meio cósmico, o ambiente físico... Tudo isto influi, tudo isto atua, tudo

isto determina as ações dos homens na vida cotidiana e, entretanto, nada disso parece refletir na explicação de nossa gente. Não vai nesta afirmação a mais leve censura aos nossos historiadores, nem o mais leve despreço à sua obra formidável de análise das fontes documentárias e da pesquisa dos nossos arquivos. Mas seria impossível negar que essa bela e soberba obra está truncada e incompleta, porque nela não aparecem dois fatores capitais de nossa história: nem o meio cósmico, com o seu poderoso determinismo, nem o povo que é o verdadeiro criador dela.”

Dessa visão canhestra não padeceu o autor de “Os Sertões”.

Adivinhou o despertar de nossa raça. Mostrou “o contraponto da nossa formação étnica, ainda incompleta e em pleno caldeamento de três fatores diversos, e a unidade política estendida em vastíssimas terras, numa inversão flagrante da ordem lógica dos fatos, fazendo que a evolução social passasse adiante da evolução biológica.” (“Castro Alves e seu Tempo”)

Apontando a “raça em ser” que ainda somos, alerta contra o caos a que podem conduzir “a forma, nos seus aspectos irreduzíveis, e o número e sinais completamente inexpressivos” (“Castro Alves e seu Tempo”). É a revolta contra o encarceramento dos ideais.

Suas idéias e seus princípios, não os

engendrou nos tamboretos dos escritórios; concebeu-os no âmago das selvas, no desbravamento dos rios e no contacto direto com as gentes.

Muitos literatos brasileiros não sabiam que o Brasil existia. Levitavam sobre seu mapa. Euclides, não. Comun-gou com sua gente e com sua terra e concluiu “que seremos em breve uma componente nova, entre as forças cansadas da humanidade.” (“Castro Alves e seu Tempo”)

Esse retrato de Euclides da Cunha atribui-lhe uma rara permanência. Sobreviveu ao seu tempo e constitui inequívoco exemplo, sobretudo para os homens de pensamento.

Geografia médica e nosografia em “Os Sertões”

Geraldo Majella Furlani
Casa Branca, SP

Em sua ótica global da realidade, Euclides da Cunha imprimiu em “Os Sertões” um caráter multidisciplinar, ensinando abordagens, nem sempre escorreltas, de temas inseridos nos campos da Geografia Médica e da Nosografia.

No item intitulado *Variabilidade do meio físico*, afirma que o clima quente e úmido da Amazônia “modela organizações tolhiças” (in “Os Sertões”, p. 71, 22.ª edição), caracterizadas pelo descompasso entre funções periféricas e centrais, pelo contraste entre inteligências nebulosas e paixões violentas, pelo antagonismo entre a acuidade dos sentidos e as frágeis inervações, fortemente prejudicadas pelas hematoses incompletas. A atrofia dos pulmões, pela limitação de suas funções, sobrecarrega o fígado, encarregado da liberação do carbono. Esta fisiologia alterada implica complexas idiosincrasias. Neste domínio megatermal úmido, o homem branco é debilitado pelo impaludismo, pelo hepatismo, por várias pirexias, pelas canículas abrasadoras, em um contexto melhor suportado pelo selvagem.

De acordo com o tratado de Parasitologia de Luis Rey (1973), os vetores transmissores da malária pertencem à ordem Diptera, à família Culicidae e ao gênero Anopheles, com aproximadamente 300 espécies. Na Amazônia predomina a espécie *Anopheles darlingi*, ajustada às grandes coleções de águas (rios, lagos, igarapés, paranamirins, igapós e outras modalidades de alagadiços) ensolaradas, límpidas, profundas e pobres em matéria orgânica e sais. Características climáticas estáveis, definidas por temperaturas de 25º a 27º, fracas amplitudes térmicas (até 2º) e umidade relativa acima de 80%, favo-

recem a permanente difusão da malária. A dispersão dos focos larvários faz-se através da migração de massas vegetais flutuantes, formadas principalmente de aguapé (*Eichhornia azurea*). Os anofelinos são antropófilos, sendo o homem o hospedeiro do *Plasmodium vivax*, agente do sezonismo. O ciclo patogênico (homem infectado ↔ pernilongo → homem são → homem infectado) só será quebrado quando a população estiver livre da doença.

Partidário da tese de que a miscigenação complexa é danosa, o Autor admite que o mestiço, via de regra, é um desequilibrado, enquadrando-se, segundo Foville, na categoria dos histéricos (p. 96). Sendo a faixa litorânea palco de cruzamentos assaz desdobrados, aí surge um mestiço física e psiquicamente fragilíssimo, em função da civilização de empréstimo, da qual a população sertaneja, de certa forma, logrou livrar-se. Daí as célebres frases: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral” (p. 101). Acusado de incoerência, o Autor defendeu-se, afirmando: “...Referi-me a uma situação excepcional da gente sertaneja... De modo algum enunciei uma proposição geral e permanente, senão transitoria e especial, reduzida a um fragmento do espaço — Canudos — e a um intervalo de tempo — o ano de 1897” (Notas à 3.ª Edição).

À p. 120, o Autor aborda a hemeralopia, termo este tomado ao uso corrente e indicando inadequadamente cegueira diurna. A rigor, hemeralopia é cegueira noturna. As designações corretas devem ser visão diurna ou cegueira noturna

(in Dicionário Médico — Rodolpho Paciornik). Afirma Euclides: “Uma moléstia extravagante completa a sua desdita — a hemerolopia (sic). Esta falsa cegueira é paradoxalmente feita pelas reações da luz; nasce dos dias claros e quentes, dos firmamentos fulgurantes, do vivo ondular dos ares em fogo sobre a terra nua. É uma pletora do olhar. Mal o sol se esconde no poente a vítima nada mais vê. Está cega” (p. 121). A Medicina atual nos ensina que a doença está ligada à acentuada retração dos campos visuais, o que ocorre em quadros de retinites pigmentosas, de atrofia óptica, de glaucoma, de avitaminose A e de carência em proteínas (agentes de transporte da vitamina A).

Euclides acha difícil determinar com precisão o tipo de perturbação mental do Conselheiro. Não era de todo um paranóico indiferente e seu temperamento vesânico não o marginalizou do meio social. Era dominado pela idéia fixa de ser um delegado do Céu, com a missão exclusiva de indicar aos pecadores o caminho da salvação. Situouse na zona mental, de limites indecisos, onde se agrupam tipos antitéticos: gênios e retardados, heróis e traidores. A síndrome não exibia, via de regra, manifestações de agressividade pronunciada. Abrandada pelo fator sociológico, sua psicose mística fixou-se em função de princípios doutrinários deformados (p. 135).

Fascinada pelo Conselheiro, aquela população sertaneja mergulhou numa psicose coletiva (p. 168).

À p. 185, Euclides relata o espanto dos padres face à passagem sucessiva de oito enterros sem qualquer sinal re-

ligioso, e isso revela o elevado índice de mortalidade.

Em *Morte do Conselheiro* (p. 534), indica sua causa mortis — disenteria

(caminheira) associada ao agravamento de um ferimento ocasionado por estilhaço de granada. É fácil deduzir que a progressão das infecções fosse facilitada pelo organismo depauperado pela fome, pela sede e pela transpiração excessiva provocada por temperaturas elevadas.

A guerra do fim do mundo

Honório de Syllos
São Paulo, SP

Acabamos de ler e não sem agrado “A Guerra do Fim do Mundo”, de Mário Vargas Llosa, escritor peruano, conhecido e admirado, não apenas em sua pátria, como na América Latina. Trata-se, realmente, de um ilustre intelectual, como prova esse seu último livro, “o mais importante de sua vida”.

O trabalho de que estamos falando foi, como sabem os brasileiros que conhecem a obra de Euclides da Cunha (ou dela, pelo menos, ouviram falar), montado, armado com apoio, base, assento em “Os Sertões”, ao qual, discordando do eminente jornalista, está atrelado. Os leitores peruanos, argentinos, chilenos, espanhóis (e de outros países) ignorarão, entretanto, esse fato, porquanto o autor de “A Guerra do Fim do Mundo” não menciona, uma única vez, o grande livro escrito numa choupana às margens do rio Pardo. Limita-se, apenas, a uma simples, pálida dedicatória a Euclides da Cunha “no outro mundo”. Nada mais. Ora, se “Os Sertões” foi o “ponto de partida de sua história”, é de lamentar, a meu ver, a falha, a omissão, a lacuna.

Deveria o ilustre escritor (pensamos) ter incluído no seu romance uma introdução, explicando que seu livro foi inspirado em “Os Sertões”, o clássico de Euclides da Cunha, que ele considera “um dos maiores livros escritos na

América Latina”. Sua leitura fez-lhe “sentir orgulho de ter nascido neste continente (Jornal da Semana, de 8-11-1981). Nesse preâmbulo, caberia ao autor indicar a época e o lugar onde decorreram os fatos narrados. Teria, então, ensejo de dar sua impressão do local — a região do Vaza-Barris, que, com tanto interesse, percorreu. Indicaria as raízes do movimento sertanejo e poderia acrescentar sua opinião acerca da obra de Euclides. Não seria demasiado, ainda, algumas notas explicativas de acidentes geográficos e significação de palavras intraduzíveis, bem como a bibliografia.

Em “A Guerra do Fim do Mundo”, a ficção corre parêntese com a realidade, estabelecendo-se, em mais de um ponto, confusão, quando cita de cambulhada personagens históricas e as que sua imaginação criou. Em mais de um caso, essas figuras reais são envolvidas com personalidades fictícias, como, por exemplo, o coronel Moreira Cesar. Gravemente enfermo, é tratado em casa do Barão de Canabrava. Dele cuida, com desvelo, a baronesa Estela...

O brilhante escritor, natural de Arequipa, declarou à imprensa que se teve o cuidado de ler tudo o que se publicou sobre os jagunços de Antônio Conselheiro, foi para poder, ao escrever o seu romance, mentir melhor (“O

Estado de São Paulo”, de 4-11-1981).

Quanto ao terreno da ficção, nada há a dizer, porque ficção é coisa imaginária, é simulação. Na outra parte, não nos parece permissível ao escritor fugir à veracidade, sobretudo em relação às personagens históricas, como, entre outras, os militares que participaram da luta, o então governador da Bahia, Luiz Viana, o frade que foi a Canudos por ordem do arcebispo.

Em entrevista a Bella Josef (“O Globo”, de 3-11-1981), assevera Vargas Llosa que não quis fazer romance histórico, sociológico ou ambiental. Mas, na realidade, o fez. Tanto assim que, ouvido por Cremilda Medina (“O Estado de São Paulo”, de 5-11-1981) esclarece que seu livro recria, ficcionalmente, a epopéia de Canudos e Antônio Conselheiro. Na verdade, “ficcionalmente”, apenas em parte, porquanto adota os dois gêneros. Tem razão, sem dúvida, Nilo Scalzo, entendendo que o trabalho de Llosa é uma nova interpretação de Canudos. Mas Canudos é a base de tudo, Canudos que Euclides celebrou em seu livro.

Seja lá como for, “A Guerra do Fim do Mundo” é obra importante na literatura da América Latina. Além disso, tem ela o dom de despertar a atenção de centenas ou milhares de pessoas que vão ler ou reler “Os Sertões”.

“Os Sertões” e os gêneros literários

Ivo Vannuchi
São Joaquim da Barra, SP

É inegável que existe muita dificuldade de encaixar o livro máximo de Euclides da Cunha em um dos gêneros literários que tradicionalmente constam dos textos didáticos adotados nas escolas. Isto porque, sem dúvida alguma, se trata de uma das maiores obras já escritas em língua portuguesa. E para consolo nosso, ocorre-nos a prudente advertência de Alfredo Bosi: “É pre-

ciso ler *Os Sertões* sem a obsessão de enquadrá-lo em um determinado gênero literário, o que implicaria em prejuízo paralisante.”

E não é fácil a classificação porque em *Os Sertões* entram, em menor ou maior escala, os ingredientes de quase todos os gêneros. Lá está o elemento épico, estuante, grandiloquo, em toda a terceira parte. Não falta aí tam-

bém o dramático e, por que não? o trágico. E tal não nos deve surpreender uma vez que, como no-lo diz Sílvia Rabelo: “Euclides viu e sentiu o mundo dramaticamente”. Por sua vez, entrevê-se na Luta o que sobrou de uma grande reportagem na qual vamos encontrar a própria gênese do livro. Em suas raízes, pois descobrimos, ocultos, os elementos de outro gênero literário: o Jor-

nalismo, embora em estilo nada jornalístico. A parte alta da obra é uma História. História de uma insurreição, história de um grande equívoco, história de um massacre, o maior talvez, pois duvidamos que, mesmo na Guerra do Paraguai, tenha havido tantas mortes. O Gênero Didático, a seu turno, aparece e reaparece na primeira e na segunda parte. Didático, sim, já que Euclides da Cunha expõe, desenvolve e defende determinadas teses, algumas superadas e postas de lado hoje, mas na época eram as que se ensinavam nas universidades européias. Apesar de algumas falhas de geografia apontadas por Aroldo Azevedo e Moisés Gicovate; de etnologia e antropologia encontradas por Roquette Pinto e Gilberto Freire, respectivamente, o fato é que um ou outro erro nessas ciências sem cultores no Brasil de então não desmerece a obra, que é feita quase só de acertos. Sabemos ainda que é grande o número de críticos, entre eles João Etienne Filho, que chegam a classificar *Os Sertões* como “ensaio” e este, como ninguém ignora, é uma das divisões (quanto à forma de expressão) do Gênero Didático. As características do Gênero Oratório, encontramos-las em inúmeras passagens e de maneira tal que, ao lermos, somos inconscientemente levados a fazê-lo em voz alta. O fecho do Capítulo II de Últimos Dias tem o sabor de uma apóstrofe de Vieira ou de uma peroração de Mont’Alverne. Ei-lo: “Mas que entre os deslumbramentos do futuro caia, implacável e revolta; sem altitude, porque a deprime o assunto; brutalmente violenta, porque é um grito de protesto; sombria, porque reflete uma nódoa — esta página sem brilhos...”

Lembramo-nos muito bem do que aprendemos em nosso curso clássico: três são as partes do discurso: Proposição (ou exórdio), Exposição e Peroração. Pois bem, forçando um pouco, ousamos afirmar que a estrutura ou as partes de *Os Sertões* obedecem à concepção de um singular discurso em que a Terra é o exórdio, *O Homem* é a proposição e *A Luta* é a peroração ou epílogo. Embora em menor escala, reponta, aqui e ali, o gênero *lírico*, que emerge de algumas descrições da flora e dos crepúsculos, como “Desce a noite, sem

crepúsculo, de chofre — um salto da treva por cima de uma franja vermelha do poente”. E, se tivermos presente que nos antigos compêndios as odes são incluídas nesse gênero e que o entusiasmo, a emoção, é uma das características da ode heróica ou pindárica, não há por que não se ver lirismo em muitos trechos de *Os Sertões*, maxime em *A Terra*.

Outros há que consideram *Os Sertões* monumental epopéia moderna em prosa, a que nem falta a clássica divisão: proposição, invocação, dedicatória e narração. E mais: a unidade, os heróis, a ação. O sobrenatural fica por conta das superstições de jagunços e soldados. Nesta de Euclides, a proposição e a narração são mais que evidentes. A dedicatória está subentendida: é às vítimas de Canudos, aos “nossos pobres patrícios retardatários”, ao “cerne da nacionalidade”. A invocação, nós adivinhamos, não poderia ser outra: A Justiça.

Todas essas considerações nos levam a concluir que, afora o Gênero Epitolar, todos os outros gêneros literários se fazem presentes, uns mais, outros menos, em *Os Sertões*.

E paralelamente a essa questão, surge outra, também controversa, qual seja a de se saber se *Os Sertões* pertencem mais à Ciência do que à Arte ou vice-versa. Quer-nos parecer irrelevante tal preocupação, pois isso em nada aumentará ou diminuirá o valor da obra e do seu incomparável autor. A pendência poderia ser colocada nestes termos: sem ser cientista, Euclides foi um homem de ciência que escreveu como verdadeiro artista. Seu livro não é, ao menos, só ficção, porque não foi criado *ex nihilo*; mas, a realidade que nele existe foi transfigurada pela Arte do seu criador. Dermal de Camargo Monfrê entende o livro apenas como obra de arte, pois se a parte científica está, em muitos aspectos, hoje superada, o que ainda sobra e garante a sua perenidade é o valor artístico que nele existe. E assim pensa também Afrânio Coutinho.

Outro problema é: a que Escola Literária se filia Euclides? Isso menos importa. Sem mais delongas, pode-se afirmar: Euclides da Cunha é um escritor à parte dentro da nossa literatura. É grande demais para caber numa só

escola. Uns *G* querem no Realismo, outros no pré-Modernismo; uns poucos mais, no Regionalismo. Curioso é que na tradução francesa, logo abaixo do título, venha a classificação: “roman historique”; com o que não concordamos, pois *Os Sertões* podem ser tudo menos romance...

Nossa opinião é que essas são questões secundárias. Uma obra vale pelo seu valor intrínseco e não pelo pormenor de um gênero literário ou escola.

Os Sertões são, antes de tudo, uma obra perene traduzida em nove línguas e em doze países diferentes. Obra que completa, em dezembro, 80 anos de vida gloriosa, obra que já ultrapassou a 42.^a edição, dando uma média de uma edição a cada dois anos, índice que só livros imortais atingem. Nesse livro, Euclides da Cunha inovou e escreveu de uma forma a que o brasileiro não estava acostumado. Assunto e estilo inéditos. Tema nunca dantes por outrem abordado. Livro-líbelo, que causou impacto e até hoje causa. Pela primeira vez o leitor ou crítico ficou perplexo diante de um assunto completamente novo, diferente, isento de quaisquer amenidades e sem preocupação de agradar. O Brasil convalescia das feridas de Canudos, estava enfermo. Remédio costuma ser amargo. Euclides não fez concessões. Nada de dourar a pílula. Euclides da Cunha esvurmou, acusou, incomodou, desagradou. Seu compromisso era com a justiça e com a verdade. Foi um alerta, gritado e estertórico, saído lá do fundo das brenhas baianas para salvar o que ainda pudesse ser salvo, para que governo e sociedade (e principalmente as leis) reconhecessem que, apesar dos pesares e de todas as aparências, “o sertanejo é antes de tudo um forte”. Nada de meias-verdades como ele mesmo no-lo diz, citando Taine no fim de Nota Preliminar, nota que substitui prefácio, porque não achou ninguém de coragem que se propusesse a prefaciar *Os Sertões*!

Mas, voltando às considerações iniciais acerca do gênero literário a que pertenceria o livro ou a que escola se filiaria o autor, julgamos de bom alvitre transcrever, para terminar, o que afirma Délson G. Gonçalves: “O mais importante não é a escola; é o autor. Não é a obra; é a arte”!

Manoel Roberto Fernandes da Silva
Célia Mariana Franchi Fernandes da Silva
Caconde, SP

A mentalidade ocidental é naturalmente helenizante e racionalista; nos gregos se encarnou o *logos* e nós somos os seus herdeiros...

Devido a condicionamentos peculiares, o racionalismo intensificou-se no

tempo de Euclides da Cunha, manifestando-se à saciedade em “Os Sertões”: no travejamento de causas e efeitos que torna dependentes suas três partes (Terra-Homem-Luta) no arcabouço filosófico-científico de suas afirmações e conclusões; no próprio estilo incisivo e lógico que, *lato sensu*, se assemelha a um encadeamento de silogismos comparável às arengas dos oradores helênicos ou à dialética de seus filósofos.

Acresce que, homem do seu tempo, quando o ideal intelectual era o “consórcio da ciência e da arte” (carta a José Veríssimo - Lorena - 3-12-1902), Euclides da Cunha domina e utiliza todos os conhecimentos do fim do século: há uma Geografia de “Os Sertões”, uma Geologia, uma Antropologia, uma Sociologia, uma História e até uma Psicologia Social.

Por tudo isso, na história geral de nossa cultura, “Os Sertões” agrupa-se àquelas obras fundamentais, que tratam séria e cientificamente dos problemas brasileiros. Mesmo no panorama específico da Literatura Brasileira, Euclides da Cunha pode considerar-se um realista tardio, filiado à corrente nacionalista e regionalista. Se foi, porém, precedido nesta linha pelo deslumbramento nativista dos primeiros cronistas, pelo paisagismo dos românticos, pelo exotismo pitoresco dos primeiros regionalistas, de uma certa forma a todos eles se contrapõe pelo desvendamento da realidade telúrica e humana de uma parte do Brasil.

O *logos* helênico produziu, pois, em Euclides da Cunha, frutos sazonados...

* * *

A mentalidade mítica é anterior ao pensamento lógico. Configura a mais primitiva atitude do homem frente à

realidade: deslumbramento religioso, misto de atração e temor, panteísmo na apreensão de todos os fenômenos.

Se o pensamento lógico submete os fenômenos à crítica da razão, atribuindo-lhes causas naturais e explicações científicas, a mítica vê um mundo povoado de deuses, referindo os fatos que contempla pela primeira vez à intervenção do sobrenatural. Heródoto (século V a.C.) conta que Tales de Mileto, filósofo grego do século VI a.C., era capaz de prever um eclipse do sol — enquanto os lídios maravilhados e assustados viam nisto a manifestação misteriosa de algum poder malfazejo...

Não se entenda, porém, *mito* como fábula. Originalmente o mito é o relato sagrado de um acontecimento de caráter exemplar, ocorrido na *arquê*, no princípio, na passagem do *caos* para o *cosmos*, da matéria amorfa para a organização. É sempre a narrativa religiosa de uma criação: relata de que modo a realidade total (o mundo) ou parte dela (uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição, uma família, uma raça) foi produzida e passou a existir. E narra em termos de realidade, não de ficção: para o homem primitivo o mito realmente aconteceu nos tempos primordiais.

* * *

Poderá haver algum elo entre o pensamento euclidiano e esta visão primitiva das coisas?

É o próprio Euclides quem abre perspectivas para este caminho, em depoimentos pessoais sobre a arte de escrever. Em “A Vida das Estátuas” (in “Contrastes e Confrontos”), encontra-se o seguinte desabafo:

“O artista de hoje é um vulgarizador das conquistas da inteligência e do sen-

timento. Extinguiu-se-lhe com a decadência das crenças religiosas a maior de suas fontes inspiradoras”.

A “impressão dominante”, substitutivo para a inspiração religiosa, em Euclides é sempre mítica, cosmogônica, pois resulta da apreensão das paisagens, objetos e seres *in fieri*. É bastante elucidativo o trecho de “Impressões Gerais”, primeiro artigo de “A Margem da História”, em que Euclides se confessa desiludido com o aspecto real do Amazonas:

“...se defrontarmos o Amazonas real, vemo-lo inferior à imagem subjetiva há longo tempo prefigurada. Além disto, sob o conceito estritamente artístico, isto é, *como um trecho da terra desabrochando as imagens capazes de se fundirem harmonicamente na síntese de uma impressão empolgante* (os grifos são nossos), é em todo inferior a um sem número de outros lugares de nosso país” (p. 5).

Euclides apreende, pois, a paisagem não como um *fato* acabado a ser descrito — mas como um *processo* em andamento, um desabrochar de imagens que o maravilham e empolgam. Poeta pelo avesso, confessa: “ao invés de projetarmos a centelha criadora do gênio sobre o mundo que nos rodeia, é o esplendor deste mundo que nos invade e deslumbra (o grifo é nosso)”. Vale dizer que diante da natureza Euclides experimenta um deslumbramento mágico, assumindo, para descrevê-la, uma postura de *vates*, e aproximando-se, de uma certa forma, dos relatos míticos.

O próprio estilo grandiloquente e oratório, assumido por Euclides como uma forma de ver as coisas, está muito mais próximo da *téia dinamis* (força divina) platônica — do que da tecelagem linguística intencional.

“Os Sertões”, hoje, no meu entendimento

Márcio José Lauria
Presidente do Grêmio Euclides da Cunha, São José do Rio Pardo, SP

1. *O compromisso inicial de Euclides, em “Os Sertões”, não foi com a literatura.*

Um dos grandes temores de Euclides, à época do lançamento de *Os Sertões*, era transgredir as *leis invioláveis da língua*. Aborrecia-o a possibilidade de seu “livro vingador”, fortemente comprometido com toda a ciência do tempo e com a História em particular, ser objeto de críticas depreciativas originárias de um ginásio qualquer. Esse temor, algo pueril para os padrões de hoje, mostra a vinculação de Euclides com a Verdade em todos os seus aspectos. É o que se depreende desde a sua “Nota Preliminar” a *Os Sertões*.

2. *A invasão do terreno artístico-literário por Euclides deveu-se ao senso*

vez mais, aquilo que dele, há mais de trinta anos, ressaltou Samuel Putnam, seu tradutor para o inglês:

“... é uma das mais admiráveis obras, que se tem escrito em todos os tempos. Quanto à posição que merece na estima e afeição de todo um povo, só pode ser comparada à “Divina Comédia”, ou ao “Dom Quixote”. Como esses grandes clássicos, “Os Sertões” é a expressão profunda da alma de uma raça, tanto na sua força, quanto na sua confessa fraqueza”.

(Em *Marvelous Journey*, Knopf, New York, 1948, p. 202.)

A que se deve, enfim, esse prestígio? Antes, duas premissas:

Incidências míticas em “Os Sertões” (Excerto)

É um aparente paradoxo relacionar “Os Sertões” com qualquer forma de pensamento mítico, sabidamente primitivo, não especulativo e alógico.

Euclides da Cunha é um expoente da mentalidade oposta, racionalista, he-

nística. Aliás, ele próprio se autodefine “misto de celta, de tapuia e grego”. O celta e o tapuia se relacionam a ascendências genéticas — mas o componente grego da personalidade euclidiana só se explica por herança cultural.

inato do épico, que lhe domina toda a frase.

Se retoricamente considerados os apoios de Euclides residem, como já foi assinalado, na antinomia e na intensificação, estilisticamente sua obra pode ser vista como um compósito de inteira originalidade: o *sopro épico*, no sentido básico de *hegemonia do coletivo sobre o pessoal*, prevalece em todo o livro, desde a primeira página, com uma animada descrição orográfica do Brasil, em que a personificação de seres inumanos assume a expressão formal pendular, indo do barroco intensamente trabalhado nas frases longas, até ao realismo presente nas conclusões, as quais, ora por indução, ora por dedução, fazem o leitor atento pensar numa demonstração matemática bem-sucedida. É o que se observa, para exemplificar, no antológico trecho de caracterização do sertanejo, em que, já nas palavras iniciais, à semelhança de uma tese em defesa, fica exposta a posição de Euclides: "O sertanejo é, antes de tudo, um forte". Ao longo do excerto autónomo, são expostos os argumentos em favor da tese. Ao fim, a vitória do escritor-matemático é de tal modo completa, que se pensa ter-se ele esquecido de acrescentar o velho fecho latino, usual nas exposições levadas a bom termo — *quod erat demonstrandum*.

Quanto ao que se poderia, usando terminologia em voga, chamar *escritura* euclidiana, está ela em desacordo com os gostos literários vigentes no Brasil. Basta, por esse prisma, considerar a distensão das frases dos nossos grandes escritores atuais (francamente resvalando para o coloquial e para o agramatical), em oposição ao clima tenso, formal, que definitivamente domina

toda a frase euclidiana. Aliás, sob o ponto de vista do uso do vocabulário difícil em favor da precisão e do arresamento frasal, poucos livros existem tão anacrônicos quanto *Os Sertões*. De igual modo, a sua sintaxe é pouco moderna: imitar Euclides, hoje, seria arriscar-se a cair no ridículo.

Tomando-se a precaução de não igualar *atualidade* com *permanência*, pode-se dizer que *Os Sertões* é obra mais atual do que até o desejável, tais e tantas são as questões que levanta e que ainda hoje nos dizem respeito no campo da demora cultural, do enquistamento social, dos desníveis regionais. Essa atualidade de Euclides superpõe-se às contingências históricas que originaram e alimentaram o drama de Canudos; essa mesma atualidade se localiza além e acima dos modismos literários que o autor herdou de sua época e de seu meio.

— Onde, então, a chave da permanência de Euclides?

— Antes de tudo, creio eu, na sinceridade com que o autor conduz a transmissão de sua mensagem — a denúncia de um crime. Sua convicção pessoal a respeito de situações, conceitos e indivíduos é de tal modo persuasiva que, mesmo frente à mais fidedigna documentação histórica, o leitor é sempre tentado a rejeitar essa realidade e a encampar a óptica euclidiana.

Essa capacidade de filtrar e de transfigurar a realidade bem pode atender pelo discutido nome de ficção, deste modo presente em *Os Sertões* e em outras páginas de Euclides, ainda que sem enredo tramado, ainda que neles o indivíduo (seja ele o Conselheiro ou Judas Ahsverus) só encontre plausibilidade

quando inserido no meio que o justifica e sustém.

Mesmo quando forem vencidas as etapas da valoração histórica da guerrilha de 96/97; no desaparecimento das desigualdades sociais que Euclides eleva, pelas suas consequências, à categoria de crimes; da superação por estudos, que ainda faltam, das dificuldades todas do pleno conhecimento da carpintaria léxica e fraseológica do grande edifício chamado *Os Sertões*, restará, para assegurar a permanência do livro como valor cultural inalienável do povo brasileiro, aquela *solidariedade* que une os homens pela compreensão da sua própria humanidade. Quando um jovem leitor de hoje descobre em Euclides, com toda a paixão, essa solidariedade que ainda faz compreensíveis Homero, Virgílio, Dante e Camões, estará sendo assegurada para a obra euclidiana, malgrado a defasagem de seus temas e processos, essa *intemporalidade* de que bem poucas construções do espírito humano se revestem.

Em suma: é pela *função sintonizadora*, pelo *sinfronismo* irradiante de tantas páginas suas que Euclides da Cunha conseguiu êxito na tarefa a que se lançou, não prevendo, talvez, sua trajetória literária: interessar aos homens de todas as épocas, através da utilização de elementos vitais como a miséria, a injustiça, o heroísmo, a abnegação, a própria morte, que, *por serem comuns à condição humana*, ultrapassam as barreiras ambientais e lingüísticas, para estabelecerem entre a obra e o leitor uma *simpatia*, com toda a carga etimológica do termo, independentemente do espaço e do tempo em que se dá esse encontro, que tem por veículo a simples palavra escrita.

Euclides. "Os Sertões". "O Estado"

I

O elemento central — "Os Sertões" — é a resultante do relacionamento dos extremos — "Euclides" — "O Estado". Não se trata de fator determinante, mas apenas condicionante. Somos tentados a falar em empatia, entre esses dois elementos, representado o último pela figura inconfundível de Julio Mesquita.

Possuía a cidade de São Paulo de Piratininga dois jornais diários de algum porte: o "Correio Paulistano", fundado em 1853, e o "Diário de São Paulo", fundado em 1865. O ano de 1875, precisamente a 4 de janeiro, é particularizado pelo surgimento do jornal "A Província de São Paulo" — "que, desde o início, concorreu com os grandes daquele tempo e cuja influência no país deveria atravessar os anos incólume e perdurar até hoje" (1).

Nessa oportunidade, Euclides da Cunha, nascido a 20 de janeiro de 1866, contava nove anos de idade. O incidente provocado por Euclides da Cunha na Escola Militar verificou-se em 1888. Resultou desse ato o seu desligamento do corpo de alunos e baixa do serviço do exército. Isso a 14 de dezembro. O nome de Julio Mesquita já figurava como Redator-Gerente.

Dirige-se Euclides da Cunha para São Paulo (20 de dezembro), onde é recebido por Julio Mesquita. Faz o seu noviciado na imprensa dois dias depois, a 22 de dezembro do mesmo ano, na "A Província de São Paulo", que estampou artigo de sua autoria — "A Pátria e a Dinastia". Euclides com 22 anos e "A Província" com 13.

Essa união perdurou durante toda a vida de Euclides e os frutos dela resultantes engrandeceram a Pátria.

II

Moisés Gicovate
Secretário do C.E.E.C. (SP)
S. Paulo

A colaboração de Euclides da Cunha na "A Província de São Paulo" e, mais tarde, no "O Estado de São Paulo", denominação assumida após a proclamação da República, comprova um homem consciente de suas decisões, destemido no externar suas convicções, dotado de uma fidelidade integral às suas idéias, pronto a qualquer sacrifício em defesa de seus ideais. Estava definida a personalidade de Euclides.

Continua a colaborar na "A Província de São Paulo". Instituído o regime republicano, reverte Euclides da Cunha ao exército, por vontade própria e interferência de terceiros. Em 1890 casa-se com Ana, filha do major Solon Ribeiro.

Volta a colaborar no agora denominado "O Estado de São Paulo". No

decorrer do ano de 1892, publica três artigos "Da Penumbra", assinados José Dávila, e a série "Dia a Dia", em número de vinte e sete artigos, quase todos assinados pelas iniciais E.C. (2).

Devido às características peculiares de seu caráter, é mandado para Campanha (1894), onde assistiu à inauguração de uma praça com seu nome. Data dessa época, com 28 anos, o dedicar-se seriamente aos estudos brasileiros.

Pensa em abandonar a carreira militar. Escreve ao sogro nesse sentido. Em resposta, datada de 20 de março de 1896, Solon o adverte que "será um desastre abandonar a melhor profissão que existe no país, e que com tanto lustre soube iniciá-la e nela se tem mantido" (3). Euclides, no entanto, já havia tomado sua decisão. Em julho, solicita e obtém reforma.

Governava Prudente de Moraes, primeiro civil na presidência da República.

III

Em 1897 volta a colaborar no "O Estado de São Paulo". A 4 de março, publica interessante artigo "Distribuição dos Vegetais no Estado de São Paulo". No dia cinco de abril é aprovado sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

"A Nossa Vendéia", dois artigos aparecidos no "O Estado de São Paulo", respectivamente, a 14 de março e 17 de julho de 1897, patentearam que Euclides da Cunha acompanhava com o máximo interesse os acontecimentos que se desenrolavam nos sertões da Bahia. Indo mais a fundo, comentava e emitia opinião acerca das sucessivas derrotas do exército. O comandante da 3.ª expedição, Moreira Cesar, havia morrido.

Afirma a Profa. Walnice Nogueira Galvão que "a guerra de Canudos foi o acontecimento jornalístico de maior importância do ano de 1897, no Brasil. Os mais destacados jornais enviaram correspondentes especiais ao local da luta, ou encomendaram a participantes dela a remessa regular de notícias" (3). O "O Estado de São Paulo" não faria exceção.

Em editorial de "O Estado de São Paulo", datado de 13 de dezembro de 1952, "Os Sertões" e "O Estado", lê-se: "Os Sertões" — todos o sabem — nasceram na redação de "O Estado". "Euclides da Cunha, mais do que um companheiro de trabalho, era um amigo íntimo. Na redação e, sobretudo, na intimidade de suas casas, Julio Mesquita e Euclides mantinham conversas de horas... Por isso, quando as notícias

de Canudos se tornaram ainda mais inquietantes, Julio Mesquita dirigiu-se à mesa em que trabalhava o amigo, para dizer-lhe:

"— Euclides, chegou o momento de você escrever a sua grande obra!" (4).

Aliás, é esse o nosso ponto de vista. A idéia de produzir uma importante obra acerca da nossa terra e da nossa gente germinava de há muito no cérebro de Euclides da Cunha. A sua ida a Canudos, o que lhe foi dado ver e ouvir, bem como os estudos empreendidos em sua estada na Bahia, significou aquela centelha que desencadearia nele a visão grandiosa dos problemas da nacionalidade brasileira. Agosto, 1897.

Euclides resistia. Em face da insistência e persistência de Julio Mesquita, cedeu aos argumentos do amigo. Aceitou.

No mesmo editorial, quando "Os Sertões" comemoravam o cinquentenário, "com o carinho de que envolve esta página de homenagem, embebido na saudade de Euclides da Cunha", comprometia-se "O Estado de São Paulo" a reimprimir, uma a uma, as correspondências que haviam sido enviadas da Bahia, em 1897. Promessa, infelizmente, não cumprida.

IV

Euclides da Cunha segue para o teatro da luta, na qualidade de reporter-correspondente de guerra de "O Estado", como membro do Estado-Maior do Ministro da Guerra, Marechal Bittencourt, que iria comandar, pessoalmente, a luta em Canudos. Embarcou a 6 de agosto de 1897.

"Por contrato firmado com esta empresa, o dr. Euclides da Cunha nos enviará correspondência do teatro das operações e, além disso, tomará notas e fará estudos para escrever um trabalho de fôlego sobre Canudos e Antônio Conselheiro. Este trabalho será por nós publicado em volume" (4).

Cumpriu Euclides da Cunha a parte que lhe competia pelo contrato assinado entre ele e aquela empresa jornalística, "O Estado". Infelizmente, aquele prestigioso jornal recusou-se a publicar a obra que encomendara a Euclides da Cunha, e que veio a constituir "Os Sertões".

Não sabemos se houve alegações de motivo. Também Rui Barbosa deixou de proferir, no Senado, discurso que esboçara.

As reportagens enviadas por Euclides foram publicadas no "O Estado de São Paulo", entre agosto e outubro de 1897. Constituem, na opinião da Profa. Walnice Nogueira Galvão, o "embrião" de "Os Sertões". A nosso ver, deve ser

ampliado o período de "gestação" de tão importante obra, às primeiras cogitações de brasilidade e estudos empreendidos, através de toda a colaboração jornalística de Euclides, extensivo especialmente a São José do Rio Pardo.

Organizadas por Antônio Simões dos Reis, acrescidas de telegramas, dos dois artigos "A Nossa Vendéia", do artigo "O Batalhão de São Paulo" e introdução de Gilberto Freyre, foram publicadas em volume — *Canudos* —, em 1939 (5).

V — OBSERVAÇÕES FINAIS

Por duas vezes, descumpriu o "O Estado de São Paulo" compromissos assumidos: a primeira, não publicando o livro "Os Sertões", em virtude de contrato assinado com Euclides da Cunha; a segunda, deixando de reimprimir a "Correspondência" enviada da Bahia, consoante o Editorial que figura no número comemorativo do cinquentenário de "Os Sertões".

Não nos cabe formular hipóteses. As respostas devem existir nos arquivos de "O Estado de São Paulo".

NOTAS

- 1 — "O Estado de São Paulo" — 4 de janeiro de 1975 — número comemorativo do Centenário do Jornal.
- 2 — Olímpio de Souza Andrade — in "Obras Completas" de Euclides da Cunha — organizadas por Afrânio Coutinho — Edições Aguilar, 1966 — págs. 538 e seguintes.
- 3 — "Jornalivo" — n.º 10 — s/data — São Paulo — Euclides da Cunha — "Guerra de Canudos" — 35 páginas.
- 5 — "O Estado de São Paulo" — 13 de dezembro de 1952 — número comemorativo do cinquentenário da publicação de "Os Sertões".
- 6 — Livraria José Olímpio Editora — Foram igualmente publicadas no volume "Canudos e Inéditos", com introdução, seleção e cronologia de Olímpio de Souza Andrade — Edições Melhoramentos, 1967; no 1.º volume das "Obras Completas" de Euclides da Cunha — Edições Aguilar — organizada por Afrânio Coutinho, 1966; e no "Jornalivo" — n.º 10 — com ensaio escrito pela Profa. Walnice Nogueira Galvão, pesquisa bibliográfica por Orlando Pinto Miranda e "Perfil de Euclides da Cunha", por Rivaldo Vespucci — ilustrado — São Paulo — s/data.

Oswaldo Galotti
Presidente do C.E.E.C. (SP)
S. Paulo

ficos e históricos mas também os diplomáticos e políticos. Caiu na esfera de influência de um homem extraordinário.

Euclides da Cunha no Itamaraty

Dos meados de 1904 em diante, até à sua morte (agosto de 1909), Euclides trabalhou no Itamaraty. Sua função era

estudar, pesquisar e rever questões de fronteiras do Brasil com os países sul-americanos. Não só os aspectos geográficos

rio, Barão do Rio Branco, que pode ser considerado figura exponencial de nossa história e figura-padrão da diplomacia brasileira.

Apesar do diligente e zeloso trabalho da diplomacia do Império, nossas fronteiras estavam necessitando de revisão e atualização. A Primeira República assumiu essa questão como um de seus objetivos prioritários.

Os historiadores de assuntos referentes às questões de limites são unânimes em concordar que, naquela época, os países vizinhos e integrantes da Bacia Amazônica não se entendiam em relação às suas fronteiras. Os próprios ministros, no dizer de Euclides, "titubeavam em pleno desconhecimento", iam às cegas naquele "terreno ignoto".

Tudo continuaria assim não fora um fato econômico de grande importância para o Brasil e principalmente para aquela região. É o "ciclo da borracha", que estimulou a "corrida" para a exploração das seringueiras. Para se ter uma idéia, no tempo, sobre quando esse assunto começou a despertar inusitado interesse, basta reter a data de 1891, ano em que foi fabricado o primeiro pneumático.

Os seringais do alto Juruá e do alto Purus, na região do Acre, apresentavam características especiais pela sua produtividade bastante superior aos demais.

Os migrantes, geralmente do Nordeste, predominando os cearenses, fugindo das desoladoras secas que tanto os martirizavam, procuravam aí esse novo meio de vida. A mesma "corrida" se dava com peruanos e bolivianos.

Até àquela época, desde o tratado de 1777, tinha ficado decidido pelo Brasil, Peru e Bolívia que o princípio a ser adotado na demarcação de fronteiras na região devia ser o *uti possidetis*. É um princípio de direito internacional que reconhece que o estado de posse se constitui em direito de propriedade desde que os ocupantes estejam há muito tempo no local, efetivamente estabelecidos ou aí organizados.

O Tratado de Petrópolis, de 17 de novembro de 1903, assinado entre o Brasil e a Bolívia, baseou-se no princípio do *uti possidetis* e por intermédio dele incorporamos quase todo o Acre, que já estava habitado praticamente só por brasileiros.

Resolvido o problema com a Bolívia, restava-nos solucionar as questões fronteiriças com o Peru. A situação na região litigiosa entre o Brasil e o Peru estava se tornando insuportável devido a constantes atritos entre brasileiros e peruanos, a reclamarem que este ou aquele território lhes pertencia.

O entendimento diplomático entre os dois países, em julho de 1904, estabeleceu que duas comissões mistas, brasileiro-peruanas, uma para o alto Purus e outra para o alto Juruá, iriam *in loco* estudar o assunto e estabelecer, tecnicamente, onde devia passar a linha divisória.

Euclides foi escolhido para chefiar a Comissão brasileira da Comissão Mista Brasileiro-Peruana do alto Purus. Esteve na Amazônia, para esse despendimento, durante todo o ano de 1905.

Chegou a Manaus em princípios de 1905, aí permanecendo três meses, até organizar e suprir sua equipe para a longa viagem às cabeceiras do Purus. Essa viagem durou sete meses, entre ida e volta. Percorreram cerca de 3.200 quilômetros do sinuoso rio, em quadra desvantajosa, num suceder de situações e imprevistos refertos de dramaticidade. Ela bem merecia de Euclides um livro... Teve oportunidade de sentir a realidade da vida que a população amazônica levava e essas impressões valeram-nos, mais tarde, os melhores capítulos de "À Margem da História", que são de especial sabor, porque foram sentidos e inspirados na própria fonte, com páginas de tanta força e emoção que enriquecem o poder expressivo da língua portuguesa. Como diz Renato de Almeida, na sua conferência "Euclides da Cunha no Itamaraty", proferida em São José do Rio Pardo, em 1955, Euclides pôde realçar "o heroísmo do homem que tem de lutar incessantemente, que tem de sacrificar a vida toda, cuja economia é a pobreza, cujo destino é o abandono, cuja condição é a doença."

Terminados os trabalhos, as duas comissões, brasileira e peruana, ficaram ainda em Manaus até dezembro, para estudos e acertos finais, elaborando uma ata conjunta que encerra oficialmente as atividades técnicas da Comissão Mista.

Em 18 de dezembro ele parte para o Rio, onde chega em princípios de janeiro.

Em abril o relatório estava pronto. Seu relatório está para o futuro livro "À Margem da História" como os dois artigos denominados "A Nossa Vendeia" e o conjunto da correspondência enviada de Canudos estão para "Os Sertões".

Após as missões técnicas encerradas, as discussões diplomáticas continuaram. Chegou-se, no final, a um acordo direto sobre a fixação de limites entre os dois países. Respeitou-se o princípio do *uti possidetis*. O Brasil recebeu uma parte do território em litígio, assim como coube ao Peru a porção territorial abaixo do rio Santa Rosa até Cataí.

Em julho de 1909, pouco antes de sua morte, Euclides elaborou um esquemático mapa sobre *Esboço da Região Litigiosa Peru-Boliviana* que consta da *Exposição de Motivos* apresentada pelo Barão do Rio Branco ao Presidente da República. Logo depois, o tratado foi assinado, recebendo o nome de *Tratado do Rio de Janeiro de 8 de setembro de 1909*, pelo qual os dois Governos chegavam a uma composição vantajosa para ambos, "encerrando definitivamente, de modo pacífico e honroso, um litígio que tinha a duração de

quase meio século e por vezes fora causa de incidentes desagradáveis."

Durante esse trabalho Euclides familiarizou-se com a questão de fronteiras entre o Peru e a Bolívia. Esses dois países estavam enfrentando problemas litigiosos cujo árbitro era o governo argentino. Baseado em seus conhecimentos sobre a questão ele escreveu para o *Jornal do Comércio* do Rio oito alentados artigos sobre o assunto, juntando-os depois no livro denominado *Peru versus Bolívia*, com notas adicionais e apêndice esclarecedor. Foi publicado em 1907, enquanto a arbitragem argentina trabalhava na questão. No seu estudo opinou favoravelmente pela Bolívia, dizendo: "Não combatemos as pretensões peruanas. Denunciamos um erro. Não defendemos os direitos da Bolívia. Defendemos o Direito." O livro foi logo traduzido para o espanhol a pedido do então presidente da República boliviana, Eliodoro Villazon.

A viagem ao alto Purus e seus conceitos contidos em *Peru versus Bolívia* constituem dois fatos marcantes da passagem de Euclides pelo Itamaraty.

Além disso, deixou estudos e mapas de algumas áreas litigiosas, com detalhes técnicos e com judiciosos e eruditos comentários, não só do ponto de vista geográfico e histórico como diplomático. São considerados peças fundamentais que compõem uma coleção de valiosos e inatacáveis documentos de defesa dos direitos do Brasil.

Para se ter uma idéia do tipo de trabalho que estava realizando basta ler-se a carta que, em agosto de 1907, escreveu a seu fraternal amigo Domício da Gama, Embaixador do Brasil em Lima, referindo seus estudos a respeito dos mapas dos séculos XVII e XVIII que se referiam à história da geografia do Brasil.

O período da vida de Euclides no Itamaraty confirma seu extraordinário interesse e o seu fervor pelas causas brasileiras.

Domício da Gama, em carta a Mário de Alencar, depois da morte de Euclides, lamenta: "Machado de Assis, Euclides da Cunha e Joaquim Nabuco fazem falta ao meu coração de brasileiro confiado no futuro de uma Nação que teve essas inteligências."

Significativa também é a opinião do Barão do Rio Branco ao comunicar o falecimento de Euclides a amigos distantes: "...este moço digno e puro, que é uma inteligência de primor."

Há uma coerência de gestos e atitudes de Euclides desde sua adolescência revelando sua identificação e seu senso de dever para com nossa História e nosso Futuro, na firme disposição de combater e denunciar as distorções do Estado de Direito e da Justiça Social.

Sua voz, felizmente, vem progressivamente ecoando, emocionante, junto a uma elite intelectual sensível que, aos poucos, debate a conscientização de nossos problemas e os caminhos para sua solução.

A doença na vida de Euclides da Cunha

Walter P. Guerra
São Paulo, SP

Várias razões motivaram a feitura deste despretensioso trabalho, a título de nota prévia. Pretendemos, oportunamente, voltar ao assunto.

Deveu-se à pressa, para que pudesse ser incluído no presente *Suplemento Cultural*, dedicado, graças à gentileza de Duílio Crispim Farina, a comemorar os 80 anos de lançamento de "Os Sertões".

Ademais, reinam curiosidade e interesse pela turbulenta e agitada existência do personagem, entrecortada por períodos de saúde abalada. Outra das razões se deve ao infatigável espírito de Oswaldo Galotti, em procurar tudo o que se refira ao malogrado escritor patrício.

Em sua faina incansável, na busca de subsídios sobre o homem, a obra e suas atividades, acaba de conseguir valioso e pouco conhecido documento, datado de 1909.

A acreditar-se na hipótese nele levantada, estará em parte explicada a instabilidade psicológica do autor de "Os Sertões". Referimo-nos ao laudo de necropsia de Euclides da Cunha, realizada por Afrânio Peixoto, seu amigo e confrade. Vai o documento reproduzido no contexto destes escritos, para que os médicos o avaliem. Além dos reparos feitos pelo seu apresentador, prof. Alves Menezes, ouvimos, também, ao prof. Armando Canger Rodrigues, Titular de Medicina Legal e Deontologia Médica, da Faculdade de Medicina da USP.

Estranhou esse mestre, entre outras coisas, a descrição do vestuário que envolvia o corpo, quando se pressupõe que o cadáver esteja desnudo, à disposição do legista.

É que os tempos eram outros. Vale notar, ainda, o estado emocional de Afrânio Peixoto, segundo enfatiza o prof. Alves Menezes, em seu intróito. Euclides passou pela desdita de conviver com a mãe tísica, de quem seguramente adquiriu a bacilose.

Sem os devidos cuidados, habitando esporadicamente com a família, Euclides contagiou seu filho Manoel, que morreu de idêntico mal. Aliás, o citado laudo descreve entre as sequelas da tuberculose encontradas na pericia, nódulos caseosos em ambos os pulmões do escritor. Por último, em suas andanças pelo alto Purus, contraiu a malária. Esta castigou-o por anos a fio. Provavelmente, foi a terçã benigna, em vista das freqüentes recidivas e tendência à cronicidade. É sabido que o "insidioso impudismo, tão vario é ele... que a medicina não o atinge" (carta de Euclides a Francisco Escobar) determina profunda astenia, fraqueza generalizada, que chega a ti-

rar o gosto pela vida, o desapego a ela, enfim, o desânimo para tudo. Decorrência da espoliação sanguínea anemizante, em seguida a cada crise febril.

Não olvidar, por outro lado, o comprometimento das supra-renais, que muito sofrem, assim como o cérebro, com as toxinas do parasito atiradas na circulação sanguínea.

Desta forma, a atividade mental fica também sujeita à ação maléfica da parasitose. Os observadores de sua fulgurante trajetória intelectual notaram que, a partir de sua estada na Amazônia, declinou sensivelmente a produção literária euclidiana.

Ele atribuiu-a, em carta ao dileto amigo Escobar, ao meio em que passara a viver. Tudo indica, porém, que esse apagamento, o enevoamento intelectual de que se queixava, era o fruto de acessos recorrentes da malária que adquirira quando de sua viagem àquelas plagas, ainda hoje, malarígenas.

Ou seria conseqüente à sífilis, entrevista por ocasião da necropsia — como querem alguns — no achado de "placas leitosas de leptomenigitis"? A paralisia geral progressiva é por demais conhecida. Felizmente menos encontrada em nossos dias, graças, entre outros motivos, à penicilino-terapia.

Com a devida vênia, invadindo seara alheia, pertencente aos psiquiatras e neurologistas, recordemos os principais sintomas psíquicos da neuro-lues. O indivíduo apresenta manifestações delirantes ocasionais e Euclides procedia, por vezes, como se fora um louco. Era possuído de momentos de cólera, seguidos, instantes depois, de estranha placidez. Os *deficits* de memória também ocorrem esporadicamente. Recordando a vida de Euclides, vamos encontrar inúmeras oportunidades em que se deixou dominar pela cólera. Em sua longa e fecunda epistolografia, em ocasiões diversas, esqueceu-se de datar as missivas. Curioso, todavia, que, como homem obrigado aos cálculos matemáticos de engenharia, ao que tudo indica, jamais confundiu-se. Atestam-no, além da ponte sobre o rio Pardo, obras outras que nos legou.

A diminuição ou perda da afetividade é outro componente analisado pelos autores médicos, tal como acontece aos esquizofrênicos. Estes perdem a afetividade para com os familiares, transferindo-a a estranhos. Quantos conhecem Euclides da Cunha sabem que, sob esse aspecto, não foi o chefe de família desejável. Chegou mesmo a receber admoestação de seu pai, nesse particular.

Não padece dúvida de que, toda a vida, lutou para manter seus familiares dentro de suas escassas posses, o que se tornou sua angustiante preocupação. Mas, não era o homem do lar e muito menos o chefe de família ideal, no convívio com os seus.

Andava sempre ocupado, esquivo, irritadíssimo, inquieto. Apresentou, ao longo de sua trágica existência, fases de depressão, seguidas da fase contrária, a de excitação, de euforia extrema, quando parecia que estava para carregar o mundo...

O delírio persecutório é outra característica da maligna espiroquetose, onde, ao lado de alucinações auditivas (a que não há referências), foi vítima de alucinações visuais. Tanto em São José do Rio Pardo, como em Manaus, em seu retorno do alto Purus.

A grosso modo, aí está o fatídico elenco da paralisia geral progressiva, em muitos dos quais enquadrou-se Euclides da Cunha.

Lamentavelmente, não se procedeu, na época, a outros exames que pudessem aclarar a suspeita de neuro-lues. Em que pese a afirmativa de Afrânio Peixoto, de que o cérebro fora recolhido com esse propósito, não há notícia de cortes histológicos da matéria nobre e ulterior estudo anatomopatológico. Convenhamos que, a Afrânio Peixoto, como amigo que fora de Euclides, não interessava penetrar mais a fundo no diagnóstico.

Além do que, uma vez comprovada a suspeita, seria um espinho, um estigma a mais a acrescentar na martirizada vida daquele a quem tanto admirara. Tuberculoso, já era. Rotulá-lo de sífilítico, era constrangedor. Naqueles tempos, convém recordar, a sífilis era doença estigmatizante, assim como a tuberculose e a hanseníase, que ainda hoje padece da incompreensão popular.

Por outro lado, os médicos daquela era foram condicionados a "pensar sífiliticamente"! Tudo ou quase tudo a ela era atribuído. No que tange a outras vísceras, há referência à hepatomegalia e à hipertrofia do tecido conjuntivo, a que não escapou o baço. Surpreendentemente, este mostrava-se "pequeno e retraído", e não hipertrofiado, como seria de esperar em impaludado de longa data. Realmente, baço e fígado são os órgãos mais diretamente atingidos pelo plasmódio, onde, aliás, sob outra forma, abriga-se no sistema retículo-endotelial. Não admira, pois, que estivessem fibrosados, de que é a tradução a hipertrofia do tecido conjuntivo.

Surge, agora, a magna indagação. A aceitar-se a hipótese de sífilis nervosa, como explicá-la, em Euclides? Seu desinteresse pelas mulheres era notório,

fora das relações conjugais. Raiava mesmo pelos limites da castidade.

Tímido e introvertido, não era de atrair o sexo oposto, que, por sua vez, pouco representava para ele. O sexo feminino quase não aparece em sua obra. E disso se vangloriava. Tudo leva a crer que fosse misógono.

Quando cadete da Escola Militar, há o relato de que, "nas tentativas amorosas com "mulheres de má fama", não chegou a consumir o ato". ("Euclides da Cunha", Silvio Rabelo, Coleção de Estudos Brasileiros, 1948).

Onde e como adquiriu o mal gálico? Seu primo, o engenheiro Arnaldo Pimenta da Cunha, que o acompanhou na expedição ao alto Purus, depõe sobre episódio ocorrido em Manaus. A capital baré nadava em ouro.

Era o pleno fastígio da borracha, quando planejaram uma noite de que Euclides participaria. Pagou a uma mundana 500 mil réis, quantia bastante elevada, mesmo para a época. Não se efetivou o encontro. Preferiu perder o dinheiro, ganho com sacrifício da saúde e da vida, a envolver-se com uma profissional e desconhecida!

Resta, assim, a hipótese de lues inata, ou forma protraída de meningite tuberculosa. Em favor da suspeita de meningite luética, existe a menção no laudo de que aquelas membranas "estavam aderentes à base do crânio". Recorde-se que a meningite sífilítica demonstra essa característica: meningite de base. Damos a palavra aos especialistas em doenças sexualmente transmissíveis. Onde se conclui que a grande incógnita e os desencontros que apresentou a vida de Euclides, e que o perseguiram até à morte, persistem. Aham-se à espera, tal como a Esfinge, de que um novo Édipo venha desvendá-la.

O LAUDO

SERVIÇO MÉDICO-LEGAL DO DISTRICTO FEDERAL

Serviço de Autopsias

Em 16 de Agosto de 1909

Médicos — Drs. Afrânio e Diogenes —
Requisição do 20.º Dist. Policial
Espécie de exame — Autopsia —
Procedência Estrada de St.ª Cruz
Gênero da morte — Homicídio, por
arma de fogo.

Causa da morte — Hemorragia do pulmão direito devido a ferimento por arma de fogo, atravessando de um lado ao outro o órgão. Além desta causa, o cadáver apresenta 3 outras lesões por arma de fogo.

Dr. Euclides Cunha, branco, brasileiro casado, com 42 anos de idade Engenheiro Militar e Professor do Gynasio Nacional, residente à rua N. S. de Copacabana n.º 23. Deu entrada no N. Público com guia do 20.º Distrito Policial, por ter sido assassinado, horas da manhã, na casa de n.º 214 da Estrada Real de Santa Cruz. — Inspeção externa: O cadáver é de um homem

branco, medindo 1m.65cts. de comprimento, vestindo: calça de casemira escura; ceroula branca de linho, desabotoada em parte e descida; camisa branca de linho e outra interna de flanela, ambas manchadas de sangue, e apresentando, ambas, soluções de continuidade de 21 milto. de extensão e correspondendo a uma ferida na região infra-clavicular direita. No dorso e a direita, estas vestes apresentam dois rasgões embebidos de sangue e correspondendo a dois ferimentos situados ali na pelle. O cadáver está em estado de rigidez, de olhos e bocca entreabertos, não se escapando líquido algum das cavidades naturais. Livores de hypostase no dorso e partes declives. Apresenta: na região infra-clavicular direita, à 11centos. da linha medida e 10centos. da curva deltoidiana, um ferimento circular, de bordos ennegrecidos e ecchymosados, medindo dois centímetros em seu maior diametro, apresentando os caracteres das feridas por arma de fogo; na parte média do braço, na região antero-interna e postero-externa esquerdas, dois ferimentos também de bordos ennegrecidos e aureola ecchymotica em torno, medindo um, sete milto. e, o outro, doze milto., affectando à forma de orificio de entrada e de sahida de um projectil, correspondendo-se pela sondagem. O braço esquerdo está encurtado e deformado pela fractura do humerus em cavalgamento, crepitação, esquirolas e fragmentos osseos. No punho, à direita, uma ferida de bordos ennegrecidos, medindo 9milto., correspondendo, na face palmar da mão, a uma outra ferida de labios revirados para fora e de um centimetro de extensão. No dorso, à direita, na parte inferior da região costal, 2 feridas: uma de bordos anegradados e medindo 15 milto., em seu maior diametro; outra, de labios revirados para fora, correspondendo-se pela sondagem, n'um trajeto de 55 milto., com o orificio de entrada e sahida de um projectil. — Inspeção interna: Craneo e encephalo. — A calota resistente. Meninges duras pouco adherentes, apresentando-se bastante desenvolvidas as granulações de Pachioni. Placas leitosas de leptomeningite. Ligero edema na immediação das circunvoluções Rollandicas. O cerebro, pesando 1.515 grammas, foi retirado para ulteriores investigações. Meninges adherentes a base do craneo. Cavidades thoracica e abdominal: Diaphragma corresponde ao 6.º espaço inter-costal. — Nenhum liquido anormal na cavidade abdominal. Aberto o thorax encontra-se, na cavidade pleural direita, um derrame sanguinolento de 1.300 grammas de sangue escuro e fluído. Correspondendo a ferida externa, na região infra-clavicular, encontram-se todos os tecidos molles, num trajeto, de bordas ecchymosadas, penetrando na cavidade, lesando o pulmão no lóbo superior, através de toda sua massa. O pulmão direito apresenta numerosas adherencias na parte superior e em sua massa nodulos numerosos. O pulmão esquerdo igualmente adherente, na par-

te superior e inferior do lóbo superior. Na cavidade thoracica esquerda encontra-se 50 gms. de liquido sanguinolento. O pericardio contem cerca de 20 grammas de liquido citrino. O coração vazio, flaccido, com ligeira sobrecarga gordurosa. Cavidades esquerdas igualmente vasias. Valvulas arteriaes sufficientes. Placas de atheroma na aorta. Coronarias vasias e permeaveis. O pulmão direito apresentando numerosas symphyses na parte superior e dorsal. Ao orificio externo, já mencionado, corresponde um interno e inferior, indo ter, após um trajeto de nove centímetros, a uma lesão da setima vertebra dorsal; em cujo corpo penetrou o projectil; fracturando a costella direita correspondente e achando-se encravada na lamina vertebral. É uma bala de chumbo, das de revolver, deformada na ponta, pesando 10 grammas, medindo 17 milto. de comprimento, sobre 9 milto. de largura na base. Nodulos e nucleos caseosos dessiminados na massa do pulmão direito. O pulmão esquerdo, grande, congesto e engorgitado nas partes declives, arejado, mas apresentando focos congestivos na sua parte superior, nodulos caseosos numerosos, digo, caseosos menos numerosos. O figado grande, apresentando-se à secção, amarelado, havendo à espaços ligeira hypertrophia do tecido conjunctivo. O baço pequeno, retrahido, exangue ao corte e se apresentando com ligeira hypertrophia do tecido conjunctivo. O rim esquerdo de tamanho regular, capsula adherente à espaços, nada apresentando de anormal. O rim direito, com a capsula adherente à espaços, nada digo, espaços, apresentando-se anemiado à secção. O estomago grande, cheio de gazes, contendo pequena quantidade de substancia semi-liquida em digestão. O intestino contendo liquidos e gazes. A bexiga cheia de urina amarella clara. Respondem aos quesitos: 1.º, sim; 2.º, hemorragia do pulmão direito devida a ferimento por arma de fogo, atravessando de um lado a outro o órgão; além desta, causa de morte, o cadaver apresenta tres outras lesões por arma de fogo; ao terceiro (3.º) prejudicado; ao 4.º sim, aos 5.º, 6.º e 7.º, não.

SUMMARY

The author comments on the necropsy report of the great Brazilian literate Euclides da Cunha, performed by Afrânio Peixoto, another great writer, also a forensic medical expert. He understands the pitfalls in the report's text and explain them on the basis of momentaneous emotional stress of doctor Afrânio Peixoto, who was a closed friend of the deceased.

Departamento Cultural:

Presidente: Duílio Crispim Farina

Comissão Executiva:

Guido Arturo Palomba

João Carvalho Ribas

Maria do Carmo Dias dos Santos Batista

Oswaldo Galotti

Silvio Marone

Walter Belda